

DOI: 105902/2236117015437

Revista do Centro de Ciências Naturais e Exatas – UFSM Santa Maria
Revista eletrônica em gestão, educação e tecnologia ambiental
E-issn 2236 1170 - v. 19, n. 2, mai- ago. 2015, p. 246-257



O atual contexto da produção de trigo no Rio Grande do Sul

The current context of producing Trigo in Rio Grande do Sul

Alexandre Camponogara, Ezequiel Gallio, Willian Fernando de Borba, Jordana Georgin

Universidade Federal de Santa Maria

camponogara1@hotmail.com, ezequielgallio@hotmail.com, borba_willian@hotmail.com,
jordana_gin@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho traz uma abordagem da importância do trigo no estado do Rio Grande do Sul e demonstra a atual posição e a produção da triticultura gaúcha e brasileira. Com a redução dos subsídios e a consolidação do MERCOSUL, a situação se agravou, e a partir daí colocou-se em xeque o desenvolvimento da cultura de trigo no estado, bem como no país. Mas diante da capacidade produtiva existente em algumas safras, ganha importância a ideia de que, diante de políticas de fomento, a triticultura pode ainda se manter no estado. Todavia, a elevação dos custos de produção internos, diante de uma produção argentina bem mais barata, praticamente tem eliminado a possibilidade de produção de trigo, em especial junto àqueles com menor área semeada. Em função disso, a triticultura nacional conta muito com a continuidade das pesquisas que obtenham variedades ainda mais adaptadas ao nosso clima e solo, fazendo uso do manejo de tratamento de sementes com fungicidas e inseticidas, visando ao aumento da produtividade e, por consequência, da renda dos produtores rurais que se dispõem a produzir o cereal.

Palavras – chave: Produtividade. Triticultura. Produtores rurais.

Abstract

This paper presents an approach to the importance of wheat in the state of Rio Grande do Sul and shows the current position and the production of the state's wheat cultivation, and Brazil. With the reduction of subsidies and the consolidation of MERCOSUR, the situation worsened thereafter placed himself in check the development of the wheat crop in the state and in the country. But before the existing productive capacity in some crops, if gains importance to the idea that, before funding policies, the wheatfield can still remain in the state. However, the rising costs of internal production, before a much cheaper Argentine production, has virtually eliminated the possibility of wheat production, especially among those with lower seeded area. As a result, the national wheat relies heavily on the continuity of research that get even more varieties adapted to our climate and soil, making use of the management of seed treatment with fungicides and insecticides, aimed at increasing productivity and, consequently, the income of farmers who are willing to produce the cereal.

Keywords – Keywords: Productivity. Wheatfield. Farmers.

1 INTRODUÇÃO

O cereal de trigo tem uma importância significativa na alimentação da humanidade. Os registros sobre o surgimento desta cultura datam de antes de Cristo. Com o passar dos anos, a tecnologia de produção deste cereal disseminou-se pelo mundo. No Brasil, o mesmo se desenvolveu com a vinda dos colonizadores europeus (açorianos) para o continente americano. A região Sul do Brasil apresentou as melhores condições para o desenvolvimento do cereal em relação às outras regiões brasileiras, sendo o Rio Grande do Sul pioneiro na produção de trigo em escala comercial e industrial (ABITRIGO, 2013).

O seu real desenvolvimento no Estado ocorreu a partir de 1950, com o processo de modernização da agricultura através da incorporação de máquinas e equipamentos na produção agrícola, em razão dos fortes subsídios governamentais. Este processo avançou para o oeste de Santa Catarina, Paraná, algumas regiões de São Paulo e, mais recentemente, para o Centro-Oeste brasileiro, (ABITRIGO, 2013).

O Brasil jamais conseguiu a autossuficiência em relação a este cereal. Assim, a Argentina firmou-se como um importante fornecedor de trigo para o país. Essa realidade ganhou força com a consolidação do MERCOSUL a partir de 1991. Nessa época, o governo brasileiro já havia praticamente eliminado os subsídios ao setor tritícola, assim como deixou de comprar e estocar o produto, fazendo do mercado o elemento decisivo para o desenvolvimento da cultura no País, o que contribuiu para desestimular a produção tritícola nacional. Este conjunto de fatos colocou em xeque a sobrevivência da triticultura no Brasil, particularmente, no Paraná e no Rio Grande do Sul, historicamente os dois principais Estados produtores do cereal (CUNHA, 1999).

O trigo é considerado o principal componente da dieta alimentar na maioria dos países, desempenhando importante papel econômico e nutricional - atualmente com mais de 30% na produção mundial de grãos (Embrapa Trigo).

No Brasil os maiores produtores de trigo estão na região Sul. Atualmente o Paraná é o maior produtor, seguido dos estados Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Esses três estados respondem por 90% da produção brasileira de grãos do trigo no país. No entanto, por exemplo, no ano de 2009 o Brasil participou com apenas 0,7% da produção mundial. A produção nacional do trigo em 2011 foi de 6 milhões de toneladas, não sendo suficiente para a demanda interna desse ano, (FAOSTAT, 2012).

O consumo de trigo no Brasil é de aproximadamente 10 milhões de toneladas por ano, podendo chegar a quase 11 milhões de toneladas, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). Assim, o Brasil é um dos maiores importadores de trigo do mundo, importando principalmente da Argentina. E com a recente evolução dos preços do trigo, causada pela irregularidade na oferta mundial, ameaça os índices inflacionários do país. Com a redução de áreas na safra 2012/2013 no Brasil e com a quebra de safra mundial, o abastecimento nacional foi comprometido e estimulou-se a importação do cereal.

A redução de área da safra anterior, que o Paraná resultou na menor área cultivada desde os anos oitenta, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), vem ocorrendo há algumas safras e pode se tornar recorrente nas safras futuras frente aos desafios enfrentados pela triticultura nacional.

A situação atual, com preços elevados, demonstra que o momento é de reflexão para a triticultura nacional e demais culturas de inverno. O setor produtivo espera a definição de uma política pública de apoio permanente e decisiva em favor da cultura nacional, objetivando garantir o abastecimento nacional e eliminar a dependência externa do produto. Entre os desafios para ampliação da produção nacional, os principais são os elevados custos de produção, com preços médios recebidos pelos produtores a baixo do preço mínimo estabelecido na Política de Garantia de Preços Mínimo (PGPM) e o baixo do custo de produção (FAOSTAT, 2012).

Com base nisso, o trabalho tem como objetivo contextualizar a atual situação da produção deste cereal no estado do Rio Grande do Sul tendo em vista a importância que o mesmo tem não só para a economia do estado, mas também por ser uma das principais fontes de alimento mundial.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A revisão bibliográfica realizada alicerça-se em analisar a atual situação da produção do trigo no estado do Rio Grande do Sul. O contexto do estudo se dá por meio de uma ligação com a produção mundial e local deste cereal, trazendo as influências que a economia traz para o estado, tendo em vista a importância que este grão exerce, sendo uma das principais fontes de alimento do mundo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 SITUAÇÃO MUNDIAL

No mundo, o trigo é cultivado há pelo menos seis mil anos, tendo sido encontrados grãos do cereal nos jazidos de múmias do Egito, nas ruínas das habitações lacustres da Suíça e nos tijolos da pirâmide de Dashur, cuja construção data de mais três mil anos antes de Cristo.

O trigo representou 29% da produção mundial de cereais recentemente, mantendo-se como o segundo mais produzido, atrás do milho. A área colhida tem se mantido estável, e as produções têm crescido em função do aumento da produtividade. Como pode ser observado na figura 3, em 2011 atingiu-se o recorde de produção e produtividade, 696 milhões de toneladas e 3140 kg/há respectivamente. As grandes áreas de plantio continuam concentradas no hemisfério norte, sendo a China o maior país produtor, apesar de sua produção ser superada pelo bloco da União Européia. A Índia é terceiro maior produtor, seguida pelos Estados Unidos e Rússia. Juntas, estas cinco regiões responderam por 67% da produção de 2012, ou 446 milhões de toneladas. O maior produtor na América do Sul foi à Argentina, com 9,42 milhões, (GODINHO, 2013).

A Ásia e a Europa são grandes produtoras de trigo, com 44,5% e 32,2%, respectivamente, da produção mundial, uma das mais importantes *commodities* negociada nos mercados internacionais. Entre os países, China, Índia e EUA são os maiores produtores com médias acima de 50 milhões de toneladas. Em 2011, o Brasil produziu pouco mais de 5,6 milhões de toneladas do produto.

O Rio Grande do Sul é o segundo maior produtor nacional de trigo, ficando atrás apenas do estado do Paraná. O trigo é uma cultura de inverno e altamente suscetível às oscilações climáticas, é caracterizada pela consorciação com a produção de soja e de milho, cultivadas no verão. Por isso, as quantidades produzidas anualmente sofrem variações consideráveis e as regiões maiores produtoras no estado do Rio Grande do Sul são porção norte e noroeste do estado.

Na safra de 2012, a produção mundial teve um recuo de 42 milhões de toneladas, principalmente em países do CEI (Ucrânia, Rússia e Cazaquistão), bem como na Austrália, União Européia e Argentina.

O International Grains Council (IGC) estimou um aumento de área de 2% para 2013 e um aumento de produção de 4% em relação ao ano de 2012, como mostra a figura 1, inclusive esperando uma maior área plantada na Argentina. Sendo que devido a problemas climáticos e fitossanitários, essas estatísticas acabaram não se confirmando para o ano de 2013. A safra americana vem apresentando condições abaixo da média histórica em função da falta de chuvas, porém outras regiões que cultivam no inverno se apresentam dentro da normalidade (GODINHO, 2013).

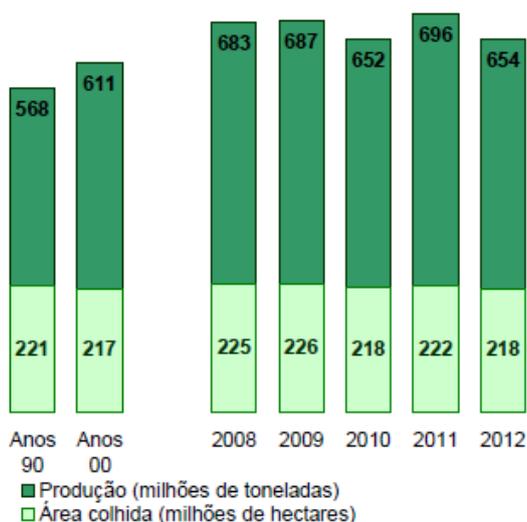


Figura 1: Evolução da área e produção mundial de trigo.
 Fonte: C. HUGO W. GODINHO, 2013.

A figura 2, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento Brasileiro (CONAB), mostra ainda que os estoques vêm sofrendo oscilações ao longo dos anos, e uma queda de 2012 para 2013 pode ser notada, refletindo no consumo que por consequência acaba também sofrendo decréscimo. A área vem se mantendo estável ao longo dos anos, com poucas oscilações. A produção vem sofrendo oscilações ao longo dos anos, sendo que de 2012 para 2013 houve uma diminuição significativa na produção, como mostra a figura.

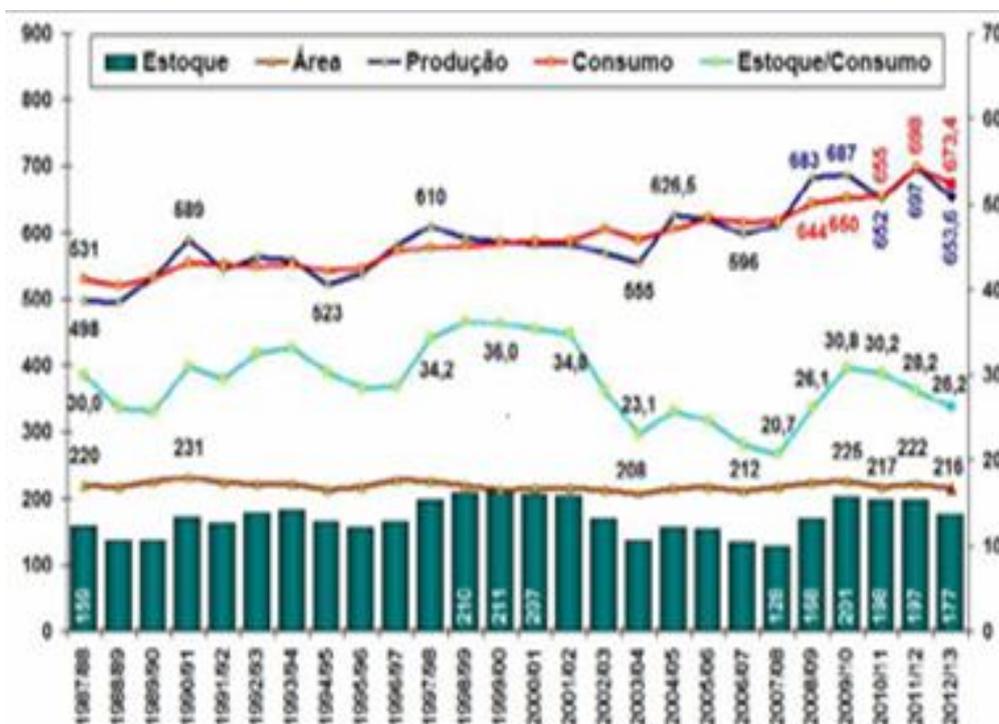


Figura 2: Área, produção, consumo e estoque mundial.
 Fonte: CONAB, 2013.

3.2 SITUAÇÃO NACIONAL

O trigo é a principal cultura de inverno no Brasil, sendo cultivada em rotação com a soja, prática bastante comum nos maiores estados produtores. Concentrada no extremo sul do país, a cultura tem se deslocado desde a década de 80, a partir do Rio Grande do Sul em direção aos estados do Paraná, de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. Com o processo de deslocamento, o cereal vem sendo introduzido na região do cerrado, sob irrigação ou sequeiro.

No Brasil, o cultivo do trigo teria sido um dos primeiros introduzidos pelos colonizadores europeus no Novo Mundo. Segundo registros históricos, em 1534, Martim Afonso de Sousa teria trazido as primeiras sementes de trigo, que foram plantadas na Capitania de São Vicente. Posteriormente, a cultura foi difundida por todas as capitanias, chegando inclusive até a Ilha de Marajó. Entretanto, o trigo precisou esperar um longo tempo para se adaptar às condições climáticas no Brasil. Em 1737, a cultura foi introduzida no Rio Grande do Sul por colonos portugueses da Ilha dos Açores e adquiriu expressão nas duas décadas iniciais do século XVIII. Contudo, em 1822, o trigo praticamente deixou de existir como cultivo econômico devido ao aparecimento da ferrugem, uma doença foliar. No início do século XX, a cultura reapareceu com incentivos do governo para o plantio e pesquisa, sendo que a partir de 1940 a triticultura começou em moldes empresariais (COLLE, 1998, p. 160).

Podem-se destacar duas peculiaridades da presença do trigo no Brasil: A primeira diz respeito ao pioneirismo da cultura no país em relação aos EUA, à Argentina e ao Uruguai. O Brasil foi o primeiro país das Américas a exportá-lo, principalmente graças às lavouras cultivadas em São Paulo e Rio Grande do Sul. A segunda característica marcante do trigo no país foi a longa e intensa atuação governamental com o objetivo de expandir a produção nacional de modo a reduzir a dependência das importações e abastecer as áreas consumidoras. Essa intervenção começou ainda no século XIX e teve seu ápice a partir da promulgação do Decreto-Lei nº 210, de fevereiro de 1967, com a criação do monopólio estatal na comercialização do trigo. Como principais vantagens dessa atuação estatal no setor tritícola, podem-se citar o aumento da produção interna do cereal com geração de renda e emprego e a introdução dos derivados de trigo na dieta diária de várias regiões do país, com menor disponibilidade de renda, como Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Esse longo período de intervenção na comercialização do trigo de 23 anos trouxe um acúmulo de problemas que acarretou por levar a extinção do monopólio estatal em novembro de 1990, com a Lei nº 8.096. Por coincidência, com a extinção da política tritícola estatal ocorreu o estabelecimento do MERCOSUL, fato que trouxe concorrência para a cadeia produtiva do trigo no Brasil, em vista das vantagens comparativas da Argentina no cultivo deste cereal (MENDES, 1994, Ipea, p. 177).

No contexto histórico, ao longo dos anos, após a safra recorde de 1987, o período de 1990 a 1995 caracterizou-se por forte queda de produção, decorrente da menor área de plantio motivada pela extinção dos subsídios oficiais e à desestatização da comercialização de trigo. De 1996 a 2004, houve aumento da produção, devido especialmente à expansão de área. Em 2003, a nova safra recorde resultou de produtividade inédita da cultura (2.403 quilos por hectare). De 2005 a 2010, a produção brasileira elevou-se 1,3 milhão de toneladas, graças sobretudo ao ganho de produtividade. Nesse período, houve alternância de anos de queda (2005, 2006 e 2009) e crescimento da produção (2007, 2008 e 2010). Nos três últimos anos, por exemplo, observou-se, em 2008, boa produção de trigo com a recuperação da área estimulada por um ano de preços elevados, e a obtenção de novo recorde de produtividade (2.480 quilos por hectare), segundo a (Companhia Nacional de Abastecimento, CONAB).

Já a safra de 2009 atingiu 5.056 mil toneladas (-16% em relação à safra anterior) devido às adversidades climáticas durante a fase final do ciclo da cultura e que acarretam também significativa perda na qualidade do produto. Na safra 2010 a produção foi de quase 6 milhões de toneladas, resultado do mais recente recorde de produtividade, na safra 2011 a produção se manteve por volta dos mesmos números do anos de 2010, (CONAB). Já para 2012, com problemas climáticos e fitossanitários, a produção teve uma queda de produtividade. Para 2013

as expectativas de uma boa safra (no Brasil) com alta produtividade acabaram não se confirmando devido a problemas climáticos e fitossanitários, salvo na região central do Rio Grande do Sul, como por exemplo, o município de Cruz Alta, apresentando uma produção 56% superior a 2012, com uma produtividade 65% maior do que em 2012, de 30 sacas por hectare, e chegar a 50 sacas por hectare, (FARSUL, 2013).

Com uma redução na área plantada de 12,5%, e uma redução de produtividade ocasionada por problemas climáticos e em partes fitossanitários, especialmente no Rio Grande do Sul, a produção nacional reduziu 25,7% em 2012, quando comparado a 2011. Para 2013, a redução da produção ficou próxima a 17%, segundo a (Companhia Nacional de Abastecimento, CONAB).

O Paraná e o Rio Grande do Sul são os maiores produtores de trigo, com 88% do volume nacional, como mostra a figura 3 tal importância na produção brasileira. Os paranaenses retomaram a liderança perdida em 2011, em termos de produção, porém figurou em segundo lugar em área plantada. Como pode ser visto na figura 5, há uma redução na área plantada nos últimos 5 anos e, principalmente, quando comparado ao período de estatização do setor, anterior a 1990. Mas devido a reduções nos estoques mundiais a tendência é que a área destinada ao plantio de trigo aumente consideravelmente para a próxima safra (GODINHO, 2013).

O setor tem buscado equilibrar a oferta e a demanda. Nesta busca de adequação, a área oscilou de um milhão de hectares, em 1995, até 2,7 milhões, em 2004, e fechando 2012 em 1,9 milhão. Apesar da redução de área a tecnologia empregada ter estado contribuindo significativamente para gerar maiores produtividades e, proporcionalmente, maiores produções. Em 2003, a produção brasileira chegou próxima ao recorde do período de compras estatizadas do trigo, de 6,12 milhões de toneladas. (GODINHO, 2013).

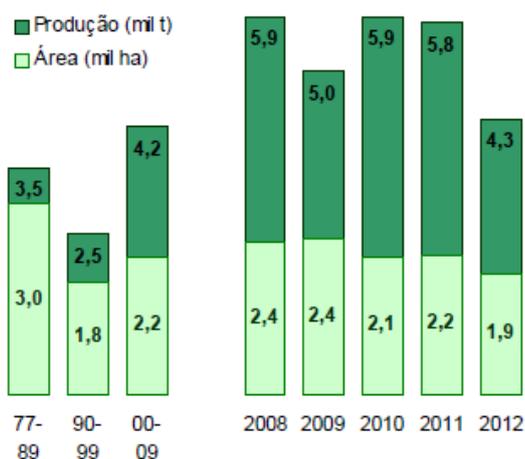


Figura 3: Área plantada e produção de trigo no Brasil.

Fonte: C. HUGO W. GODINHO, 2013.

Tradicionalmente, o Brasil é um país importador de trigo para atender as necessidades do mercado interno. A dependência externa de trigo variou ao longo do tempo. Nas últimas safras, por exemplo, a participação das importações no atendimento ao consumo variou bastante dos anos de 2008 a 2012, como mostra a figura 4. Para a presente safra de 2013, a importação deverá aumentar, como mostra a figura. Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), ainda percebe-se uma acentuada queda nos estoques do cereal ao longo dos últimos anos.

SUPRIMENTO E USO DE TRIGO EM GRÃO NO BRASIL

Ano safra: agosto-julho									
SAFRA	ESTOQUE INICIAL (01 AGO)	PRODU- ÇÃO	IMPOR- TAÇÃO GRÃOS	SUPRI- MENTO	EXPOR- TAÇÃO GRÃOS	CONSUMO INTERNO			ESTOQUE FINAL (31 JUL)
						MOAGEM INDUSTRIAL	SEMENTES (1)	TOTAL	
2008/09	895,7	5.884,0	5.676,4	12.456,1	351,4	9.035,0	363,0	9.398,0	2.706,7
2009/10	2.706,7	5.026,2	5.922,2	13.655,1	1.170,4	9.250,0	364,2	9.614,2	2.870,5
2010/11	2.870,5	5.881,6	5.771,9	14.524,0	2.515,9	9.920,0	322,0	10.242,0	1.766,1
2011/12	1.766,1	5.788,6	6.011,8	13.566,5	1.901,0	10.120,0	324,9	10.444,9	1.220,6
2012/13 (2)	1.220,6	4.300,4	7.000,0	12.521,0	1.300,0	10.180,0	282,3	10.462,3	758,7

Figura 4: Suprimento e uso de trigo em grão no Brasil.

Fonte: Conab 2013.

O consumo brasileiro de trigo vem aumentando, porém, como não há produção excedente no Brasil, nossos estoques são baixos, ficando restritos ao trigo de menor qualidade que não teve compradores no mercado local. Nos últimos anos, com o mercado externo adquirindo este trigo, os estoques estão cada vez menores. Sempre que existe uma crise de alimentos a nível global, no caso o trigo que é um ícone representativo da alimentação básica direta mundial, representando as *commodities* agrícolas teve seu desempenho de preços acelerados. Atualmente o mercado de trigo mundial já apresenta forte escassez, talvez a maior dos últimos 15 anos (GODINHO, 2013).

A quebra de cerca de 40 milhões de toneladas da safra 2012/2013 a nível mundial sinaliza que, embora o trigo seja um produto de segurança estratégica alimentar para todos os países, não existem estoques compatíveis com a sua importância e consumo. O Brasil não tem estoques de trigo e anda peregrinando nos mercados exportadores para se abastecer da importação de cerca de 6 milhões de toneladas para completar o consumo interno anual de 10,5 milhões de toneladas, sendo que esta safra 2012/2013, produziu apenas 4,2 milhões de toneladas. Além disso, os preços do trigo no Brasil são recordes de todos os tempos e, na Argentina, o preço do pão subiu 700% nos últimos sete anos.

Apesar de aquém da autossuficiência, o trigo nacional tem se mostrado de pouca liquidez para o produtor, muito em virtude de a produção nacional estar fortemente localizada no sul do Brasil e ter forte concorrência do trigo proveniente do MERCOSUL, mais precisamente da Argentina e Uruguai, com uma melhor qualidade do que o trigo brasileiro. Na safra de 2012, o Brasil produziu 41% do seu consumo de trigo, número próximo à média histórica, que é de 38%. Para a safra 2013, tinha-se a expectativa de um aumento para um percentual próximo dos 55%, mas devido a problemas climáticos decorrentes, bem como a problemas fitossanitários em algumas regiões, acabou puxando esses números esperadas para valores próximos ou ainda mais abaixo da safra de 2012. Nas últimas quatro safras, o Brasil chegou a produzir mais de 50% de seu consumo, porém, se descontadas as exportações neste mesmo período, o suprimento com trigo nacional permaneceu nos mesmos patamares da média (GODINHO, 2013).

Com a queda ocorrida na produção em 2012, o consumo também sofreu uma redução, apesar disto essa não foi na mesma proporção, como pode ser visto na figura 5. A relação

estoque/consumo caiu em 2012 para 26%, e ficou quatro pontos percentuais acima da média histórica de 30%, um número considerado baixo para estoques do cereal. Devido a esta diminuição relativa do estoque mundial desse cereal, acabou gerando um aumento dos preços internacionais (GODINHO, 2013).

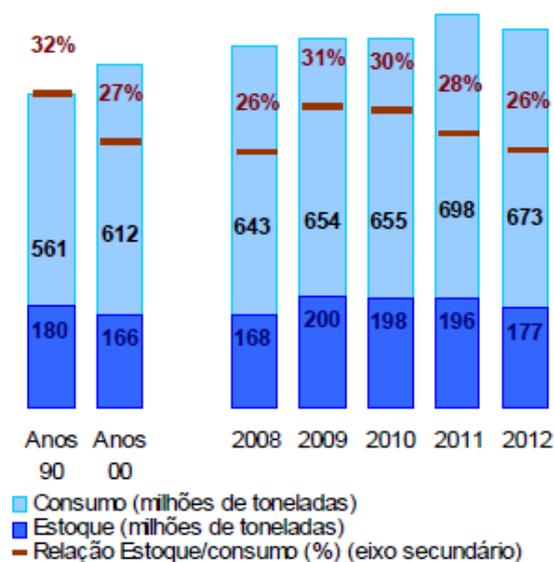


Figura 5: Consumo e estoque mundial de trigo.
Fonte: C. HUGO W. GODINHO, 2013.

Mesmo tendo uma queda nos preços no trigo americano nos primeiros dois meses do ano, os preços continuam superiores aos de janeiro de 2012, conforme figura 6. Esta valorização anual ocorreu, em parte, devido à correção dos preços entre abril de 2011 a maio de 2012. Ressalta-se que desde 2008, com a crise das *commodities*, vem tendo oscilações acima da média, porém mantém uma tendência altista em longo prazo, sustentada pelos menores estoques internacionais.

Pode-se observar na figura 6 que os preços no mercado argentino, em média, são mais atrativos que os americanos, porém nos primeiros dois meses esses estiveram acima dos Norte Americanos, principalmente em função da menor oferta local, afetando os preços na América do Sul de forma geral (GODINHO, 2013).

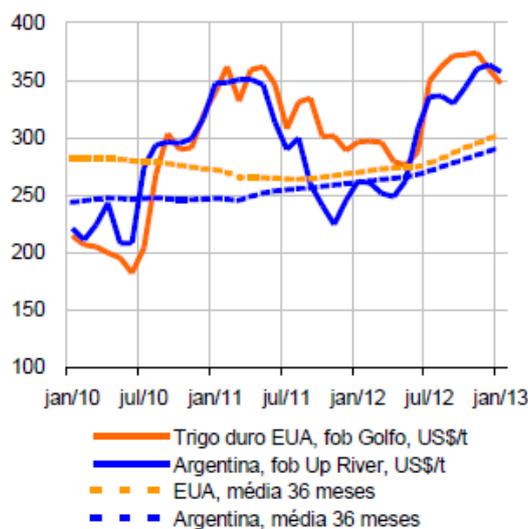


Figura 6: Preço pago pelo trigo em dólares por tonelada.
Fonte: C. HUGO W. GODINHO, 2013.

O preço do trigo no Brasil era controlado pelo governo até o final dos anos 90, quando foi extinto o monopólio estatal da comercialização do cereal nacional e importado. A partir de então os preços do trigo passaram a ser determinados pelo mercado, refletindo basicamente as condições internacionais de oferta e demanda do cereal. Ressaltando que do lado da oferta, a elevada suscetibilidade da cultura tritícola às condições climáticas tem sido um fator predominante para explicar grandes oscilações de preços, sobretudo quando há menor disponibilidade de trigo e qualidade. Do lado da demanda, a essencialidade do cereal, associada à contínua expansão dos consumidores e de novas aplicações de trigo, também explica a evolução de preços no mercado. No âmbito da produção, os preços pagos aos tricultores acompanham, em princípio, a tendência do mercado internacional. Segundo a (Companhia Nacional de Abastecimento, CONAB).

3.2.1 IMPORTAÇÕES

O Brasil importa mais da metade do consumo total de trigo, e tal dependência coloca o trigo entre os principais produtos importados pelo país. Nos últimos anos, o valor das importações do cereal representou 1,8% das importações totais do Brasil. O MERCOSUL é o principal fornecedor de trigo ao mercado brasileiro, respondendo por 84% e podendo chegar a 99% do volume de compras. A elevada participação do MERCOSUL ocorre devido à liderança da Argentina, que historicamente tem sido o maior fornecedor do cereal ao Brasil. Ressalta-se também uma maior presença dos demais parceiros do MERCOSUL, como Paraguai e Uruguai, no volume total de importações brasileiras de trigo. Além desses já citados, o Canadá e os Estados Unidos são os dois tradicionais fornecedores de trigo ao Brasil. Pela proximidade geográfica, o maior volume do trigo dessas origens é internacionalizado pela região Nordeste desses países, segundo a (Companhia Nacional de Abastecimento, CONAB).

No tocante às importações de farinha de trigo, o gasto do Brasil é bem menor do que o despendido com o grão de trigo em si, mas com significativo acréscimo a partir de 2006. O valor das importações de farinha de trigo representa 1,1% do gasto com o trigo importado. Em 2006 esse percentual triplicou e desde então subiu vertiginosamente, atingindo 16% em 2009 e 14% em 2010. Esse explosivo aumento das importações deve-se especialmente à política adotada pela Argentina, principal fornecedora de farinha de trigo ao Brasil, de estímulo à exportação do produto em detrimento da exportação do trigo em grão. As importações têm chegado principalmente pela rodovia de Foz do Iguaçu – PR (43% do volume no ano), Rio de Janeiro – Porto de Sepetiba (17%), Dionísio Cerqueira – SC (9%) e ferrovia de Uruguaiana – RS (6%), segundo a (Companhia Nacional de Abastecimento, CONAB).

As intervenções governamentais argentinas desmotivaram o produtor deste país, o que tem contribuído para que os demais países do MERCOSUL aumentem suas vendas ao Brasil. Em 2012, Paraguai e Uruguai importaram 21% do trigo adquirido pelo Brasil, contra 14% nos últimos 10 anos. A mesma política intervencionista, no entanto, mantém os argentinos como grandes exportadores de farinhas para o mercado brasileiro, com mais de 600 mil toneladas sendo vendidas por ano ao nosso país desde 2007, (GODINHO, 2013).

Os países da América do Norte são nossos provedores em caso de falta de produto no MERCOSUL, e responderam em média por 8% de nossa importação de 2003 a 2012, com um pico de 20% em 2008 e períodos com importações irrisórias. Para 2012/2013, as importações provenientes da América do Norte devem aumentar, tendo em vista a redução de oferta na Argentina e no Uruguai. Como fator potencializador deste cenário acrescenta-se a isenção da Tarifa Externa Comum para um milhão de toneladas, ao menos, (GODINHO, 2013).

3.2.2 EXPORTAÇÕES

No caso das exportações, o volume é bem inferior ao das importações, tanto para o grão de trigo quanto para a farinha. Além de pequenas, as exportações de grão de trigo e farinha são esporádicas. No caso do grão de trigo, as vendas externas ocorrem em eventual ano excedente localizado de trigo, sobretudo de qualidade não absorvida pelo mercado. Por exemplo, em 2009 e 2010, o trigo exportado foi aquele que não atingiu a qualidade considerada adequada pelos moinhos e acabou sendo destinado à produção de ração. O volume que o Brasil exportou de trigo em 2010 (1,3 milhão de toneladas) equivale a 3,4 vezes do total vendido em 2009 (384 mil toneladas), segundo a (Companhia Nacional de Abastecimento, CONAB).

De forma distinta de nossas importações que são originárias de poucos países, as exportações do Brasil de grão de trigo e farinha são bem pulverizadas. Os principais destinos do trigo têm sido países da África e da Ásia, além dos Estados Unidos. Quanto à farinha, os principais importadores do produto brasileiro são Bolívia, Paraguai e Angola. No caso das exportações brasileiras de pré-mistura, tem-se um grande número de destinos e a diversificação de mercados. Nos últimos anos, as exportações de pré-mistura foram destinadas a 58 países, com destaque para os países do MERCOSUL, Bolívia, Chile, Angola e EUA. Desde 2003, as exportações de pré-mistura têm sido crescente. Em 2009, o volume exportado foi de 1.306 toneladas, representando um aumento de 185% em relação à quantidade exportada em 2003. Em 2010, o Brasil exportou 1,20 toneladas de pré-mistura, segundo a (Companhia Nacional de Abastecimento, CONAB).

As exportações têm se concentrado no Norte da África e Oriente Médio, destino de aproximadamente metade dos embarques nacionais nos últimos 10 anos. Em 2012, a participação destes mercados cresceu, atingindo 53% do volume, e também aumentou a participação dos demais países africanos, com 34%. Neste ínterim, quem perdeu espaço foram os mercados asiáticos (GODINHO, 2013).

3.2.3 SITUAÇÃO ESTADUAL: PRODUÇÃO E CONSUMO

A região Sul destaca-se como a maior produtora de trigo no país, respondendo em média por 90% da produção brasileira. Os principais estados produtores são Paraná e Rio Grande do Sul, responsáveis por 52% e 36%, respectivamente na média das últimas safras. As regiões Sudeste e Centro-Oeste ocupam a segunda e terceira posição na produção tritícola, com participação média nas cinco últimas safras de 4,3% e 4%, respectivamente. Segundo o (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE).

A despeito da enorme produção no Sul do país, depende da normalidade do clima, o que torna o seu cultivo uma atividade de alto risco e, em consequência, de custos elevados e com perda de competitividade. O problema não é exclusivo do Brasil, e a oferta mundial está sujeita a grandes variações. Previsões estatísticas projetam que a produção de trigo para 2020/2021 será de 6,2 milhões de toneladas, e um consumo de 11,7 milhões no mesmo ano. O consumo interno de trigo no país deverá crescer em média 1,2% ao ano entre 2010/2011 e 2020/2021. O abastecimento interno exigirá importações de 6,7 milhões de toneladas em 2020/2021. Apesar da produção de trigo ter previsões de crescimento para os próximos anos em ritmo superior ao consumo, mesmo assim o Brasil deve manter-se como um dos maiores importadores mundiais de trigo, segundo o (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE).

Com isso, pode-se ter redução das importações de trigo nos próximos anos devido ao aumento esperado da produção interna. O Brasil, segundo técnicos da CONAB, tem potencial para expandir a produção, e o trigo produzido tem sido de boa qualidade. Mas, em geral, o trigo nacional é utilizado pela indústria para a produção de massas. Apresenta-se como um dos produtos mais relevantes entre os grãos produzidos mundialmente. Por ser de elevada

importância no consumo, especialmente humano, representa um produto de grande importância estratégica. Segundo o (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE).

4 CONCLUSÃO

Através da história da colonização do Estado do Rio Grande do Sul é possível perceber a importância da produção desse cereal na cultura gaúcha. Porém, mais significativos ainda são seus reflexos econômicos. O trigo se apresenta como uma boa alternativa para a produção agrícola no inverno, e por ser um bem essencial na alimentação humana. Apresentando uma demanda inelástica, significa que seu consumo praticamente não varia em relação às oscilações de seus preços.

Na prática, apesar dos esforços das pesquisas em todas as áreas e dos reais avanços conquistados, o Brasil ainda não conseguiu produzir trigo mais competitivo o suficiente para impedir o domínio do produto argentino, sobretudo após a consolidação do MERCOSUL. Além disso, por questões de solo, clima e custos de produção elevados, a produção brasileira encontra dificuldades para avançar além do que se conseguiu, ou seja, cerca de 50% das necessidades de consumo nacional. A elevação dos custos de produção internos, diante de uma produção argentina bem mais barata, praticamente tem eliminado a possibilidade de produção de trigo com tecnologia mais avançada junto ao grande número de produtores, em especial àqueles com menor área semeada (BAGGIO, Genética e Nova biotecnologia no melhoramento do trigo).

Em função disso, a tricultura nacional conta muito com a continuidade das pesquisas por parte da EMBRAPA, da FUNDACEP e de outros centros de excelência no Brasil. Necessita-se da obtenção de variedades ainda mais adaptadas ao nosso clima e solo, e utilizar da técnica de manejo de tratamento visando o aumento da produtividade, proporcionar um melhor stand de plantas, e, por consequência, propiciar uma melhor garantia de renda dos produtores rurais que se dispõem a produzir o cereal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABITRIGO. **Associação Brasileira da Indústria de Trigo**. Sítio oficial. Disponível em: www.abitrigo.com.br. Acesso em 04 de novembro de 2013.

BAGGIO, M. I. **Genética e Nova biotecnologia no melhoramento do trigo**. Passo Fundo: EMBRAPA. Trigo. Disponível em: <http://www.cnpt.embrapa.br/>. Acesso no dia 09 junho de 2014.

C. HUGO W. GODINHO. **Trigo – Análise da conjuntura agropecuária**, 2013.

CONAB. **Levantamentos de Safra**. Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB. Disponível em: <http://www.conab.gov.br/conabweb/>. Acesso em 04 de novembro 2013.

COLLE, C. A. A. **Cadeia produtiva do trigo no Brasil: contribuição para a geração de emprego e renda. Dissertação (Mestrado em Economia)** – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 160, 1988.

CUNHA, G. R.; TROMBINI, M. F. (Org.). **Trigo no MERCOSUL:** coletânea de artigos. Brasília: EMBRAPA, 1999.

Embrapa Trigo Sistema de Produção –
<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Trigo/CultivodeTrigo> - Acesso no dia 12 de abril de 2014.

FARSUL: Federação da agricultura do estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.farsul.org.br/list_news.php, acesso no dia 10 de março de 2014.

FAOSTAT. **Food and Agriculture Organization of the United Nations.prodstat –Crops. 2012.** Disponível em: < http://faostat3.fao.org/home/index_es.html?locale=es#DOWNLOAD> Acesso em 09 de março de 2014.

IBGE. **Levantamento sistemático da produção agrícola (LSPA).** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso no dia 06 de junho de 2014.

MENDES, ANA GLÁUCIA (coord.). **Liberação de mercado e integração econômica no MERCOSUL: estudo de caso sobre o CAI triticola.** Projeto PNUD/BRASIL. Estudos de Política Agrícola, n.10, 1994. Brasília, Ipea, p. 172.